



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12938 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT14 - Sociologia da Educação

O MATERIALISMO CULTURAL DE RAYMOND WILLIAMS PARA ESTUDAR AS FORMAS DE PRÁTICA DA AULA

Márcia Vanessa Malcher dos Santos - UFPA - Universidade Federal do Pará

### O MATERIALISMO CULTURAL DE RAYMOND WILLIAMS PARA ESTUDAR AS FORMAS DE PRÁTICA DA AULA

**Resumo:** Este resumo expandido apresenta as linhas matriciais de uma reconstrução teórico-metodológica do materialismo cultural, de Raymond Williams, que tem como objetivo o estudo das práticas da aula enquanto unidade-célula do processo educativo. Trata-se da diretriz principal que sustentará pesquisa em andamento sobre as formas e as formações de práticas da aula de sociologia em duas escolas públicas de Belém e seu entorno no nível do Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Raymond Williams; materialismo cultural; aula; educação; sociologia.

#### 1. Introdução

O materialismo cultural de Raymond Williams está assentado na sua particular concepção ampliada de cultura. Ampliada não porque ele considerasse a cultura um modo de vida global no sentido antropológico de criar tudo, mas no sentido de que ela é um *sistema de significações realizado*, isto é, está diluída em uma série de atividades, relações e instituições, das quais apenas algumas delas são manifestadamente “culturais”, ou ainda, está “mais ou menos completamente” dissolvida no seio de outras necessidades e ações tanto quanto essas outras necessidades e ações estão profundamente presentes em todas as suas atividades

manifestas (WILLIAMS, 1992, p.206).

A partir dessa concepção, podemos dizer que a educação é um sistema de significações específico que, junto com outros sistemas sociais, a exemplo do econômico, do político e do geracional, compõe de modo inter-relacionado um sistema de significações mais amplo e mais geral. A intenção da pesquisa é estudar o fenômeno manifestadamente educacional da aula, enquanto unidade-célula do processo educativo, considerando a diluição nele existente da cultura como um sistema de significações realizado.

Para isso, é preciso assumir a concepção de que o processo educativo e, portanto, a aula, tanto se entrecruza, de modo complexo, com ações e necessidades advindas de outros sistemas sociais, quanto tem ela mesma o seu sistema de significações específico, do qual depende fundamentalmente para se realizar. Desse modo, assume-se que embora a natureza do seu sistema de significações específico, primariamente voltada para as ações e necessidades do ensino, não seja orientada para a constituição de uma finalidade estética, no sentido estrito de buscar expressar termos como “beleza”, “harmonia”, “proporção”, ela apresenta uma importante dimensão estética.

Isso significa afirmar que, por mais que a aula esteja ligada às áreas do pensamento e do discurso humano – valores, verdades, ideias, observações, relatos – as quais são bastante relevantes, essas áreas não podem ser, e na prática não são, tomadas como globalmente definidoras e independentes da sua percepção “estética”. Daí que também seja possível falar tanto do conteúdo, da “verdade” da aula, quanto da sua forma, da sua “beleza”. Não à toa é essa a matriz do debate que marca as correntes pedagógicas clássicas: o que ensinar e que método empregar está diretamente ligado a que tipo de homem a educar para que tipo de sociedade (CHARLOT, 2020, p.10). Ou seja, conteúdo e forma são imanentes à prática educacional, sendo as escolhas pedagógicas, conscientes ou não, modeladoras do trabalho educativo.

Pode-se dizer que a efetivação do aprendizado do conhecimento histórico-humano científico contido em determinada aula depende de um arranjo especial das palavras, dos gestos, dos elementos didáticos e das proposições de relações e sentidos que assegurem que esse conteúdo adquira significado e permanência. Por conta dessa indissociabilidade entre forma e conteúdo, defende-se que embora a aula seja principalmente uma *forma de conhecimento*, enquanto aquisição consciente (mas com certo nível de incorporação difusa e inconsciente), ela também pode ser considerada uma *construção autônoma*, como estrutura e significado, e uma *forma de expressão*, que manifesta emoções e visão do mundo dos indivíduos e grupos. “Digamos que o conteúdo atuante graças à forma constitui com ela um par indissociável que redundando em certa modalidade de conhecimento” (CANDIDO, 2011, p.178). Modalidade essa que, no caso da aula, é educativa, satisfazendo não só uma necessidade básica do ser humano, ao fornecer, ampliar e consolidar seu repertório de conhecimento, mas também enriquecendo a sua percepção e visão do mundo.

Mas é claro que “uma educação”, assim como “uma cultura”, também é uma seleção e organização, do passado e presente, provendo seus próprios tipos de continuidade (WILLIAMS, 1992, p.183). Nossa aposta é que a lente da sociologia da cultura williamsiana permite aclarar o que uma visão demasiadamente “forçada” da metáfora da “reprodução”, pode dissimular nos processos educacionais: seus graus diversos e essenciais de autonomia relativa; e suas mudanças tanto internas quanto em suas relações gerais com outros sistemas. Partindo desse desígnio central de orientação, o objetivo principal da pesquisa será investigar casos selecionados de práticas de aula de sociologia em escolas públicas de Ensino Médio situadas na cidade de Belém, estado do Pará, e nas ilhas que compõem o entorno da capital.

## 2. Metodologia

A sociologia da cultura definida por Raymond Williams está intimamente ligada à sua proposta de articular dinamicamente os processos superestruturais e os que configuram a chamada “base”, ou seja, o material e o sensível, são tomados como indissociáveis e relacionados em suas dinamicidades. Desse modo, Williams buscou articular analiticamente a sociologia das formas à forma “sociológica”. Abordagem que exige tanto o conhecimento da construção estética das obras artísticas, quanto das suas condições materiais de produção. A partir dessa perspectiva, os seus estudos não apenas descreveram certos fenômenos culturais, mas também interpretaram os seus significados implícitos, apontando as suas “características emergentes, mediadoras e dominantes”<sup>[1]</sup> (Cf. por exemplo, WILLIAMS, 1989; WILLIAMS, 2011; WILLIAMS, 2001).

A nosso ver, essa elaboração, que assume a ideia de “mediação” em vez da de “reflexo”, desde que se façam as traduções necessárias, é especialmente prolífica para orientar a investigação aqui delineada. Para tanto, será necessário examinar de que maneira os sistemas de sinais integrados à forma da aula atuam e estão ligados à ordem social e cultural mais geral (“sociológico”). Por conta disso, a pesquisa se valerá da metodologia do estudo de caso ampliado (BURAWOY, 2014) apoiada em dois eixos metodológicos coetâneos a partir de categorias a serem definidas em relação ao: 1) Estudo dos elementos fundamentais do sistema de significações próprio da aula (forma e conteúdo); e 2) Estudo das condições sociais e materiais de produção da aula.

Como parte desse segundo eixo, a pesquisa, também vinculada a uma investigação apoiada pelo CNPq, de caráter nacional/internacional, terá como desdobramento pesquisa sobre as condições de vida e trabalho de professores de sociologia no estado do Pará, valendo-se de questionário e pesquisa documental.

## 3. Discussão de resultados parciais

Por ora, estando a pesquisa em sua fase inicial de estruturação, entende-se que o exercício a que nos propomos de nos valermos de categorias teórico-analíticas empregadas por Raymond Williams para pensar, mais especificamente, formas e formações culturais, “traduzindo-as” para o estudo do fenômeno da aula desde as suas formas e formações de prática, é um terreno promissor que pode tanto alargar o espaço de pesquisa na área da sociologia da educação quanto a compreensão dos processos educacionais da sala de aula e o modo como eles estão vinculadas ao sistema social vigente na contemporaneidade.

### **Considerações Finais**

De certo, há na educação um sistema dominante de práticas, significados e valores que satura hábitos e crenças, sendo ativamente vivido pela maioria das pessoas que lhes confere um sentido de realidade do qual é difícil escapar. No entanto, esse controle não é estático, pois depende de um processo dinâmico de incorporação, o que é bastante evidente nas instituições educacionais. Se, por um lado, elas são agentes centrais na transmissão de uma cultura efetiva e dominante; por outro, deve-se reconhecer que, embora fortemente pressionadas, continuam sendo espaços propícios para o surgimento de práticas, valores e experiências alternativas ou mesmo emergentes (WILLIAMS, 2005, p. 217).

O estudo das formas de prática da aula é, portanto, um terreno fértil para compreender quais significados comuns da nossa sociedade são hoje confirmados nos processos educacionais, como isso acontece e de que modo se responde a eles.

### **Referências**

BURAWOY, Michael. **Marxismo sociológico**: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica. Trad. Marcelo Cizaurre Guirau, Fernando Rogério Jardim. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CÂNDIDO, A. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou Barbárie?** Uma escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, n. 65, p. 210 - 224, mar./maio, 2005.

WILLIAMS, R. **Cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, R. Las novelas industriales. *In*: WILLIAMS, R. **Cultura y sociedad**. 1780-1950. De Coleridge a Orwell. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001, p. 85-102.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. SP: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, R. O Círculo de Bloomsbury. *In*: WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. SP: Editora Unesp, 2011.

WILLIAMS, R. **Marxism and Literature**. Oxford University Press, 1977.

---

[1] Tradução nossa do original “emergent, connecting, and dominant characteristics” (WILLIAMS, 1977, p.132).